

Um

BERLIM, 1943

OTREM COM DESTINO A MILÃO SERPENTEIA PARA O INTERIOR da estação de Berlim, lançando lufadas de vapor para o alto das esqueléticas vigas da estação. O apito trespassa a noite uma vez, e logo morre. O silêncio se apodera do espaço cavernoso, rompido vez por outra apenas pelo lento e uniforme rascar da vassoura de um varredor.

O varredor aprendeu a não olhar abertamente para os horrores que passam através da estação. Ele sabe que não deve confiar em ninguém e habita as sombras. No entanto, ele observa, cabeça baixa, por sob a aba de seu quepe.

Trilho a trilho, estalido a estalido, o trem pára. No último vagão, um casal está sentado frente a frente. Eles esperam imóveis, emoldurados como pinturas pelas cortinas cor de rubi da janela. Sua incandescência desafia a escuridão pesada e silenciosa, e o varredor diminui seu ritmo.

Primeiro ele observa a mulher. Um poste de luz da estação projeta o altivo perfil em forte relevo, contrastando com os cantos da cabine escura. A luz fraca toca as dobras de seu vestido de seda cor de sangue, os adornos de arminho de seu casaco de viagem e seu chapéu cloche. Ele balança a cabeça diante da extravagância das roupas dela e calcula as quantidades de pão que seu traje poderia alcançar no mercado negro. Em seguida, o varredor desvia a atenção para o homem, cuja aparência geral parece mais adequada a uma viagem em tempo de guerra que a da mulher. Ele tem um rosto redondo e naturalmente cativante, mas veste um sóbrio terno de risca de giz, um simples sobretudo negro e chapéu de feltro. Sua mão direita segura um surrado envelope pardo tão rigidamente que os nós de seus dedos ressaltam embranquecidos, e as pontas recortadas de uma estrela amarela assomam para fora de seu casaco. O varredor supõe que ambos devem estar cômicos da precariedade de sua viagem.

Subitamente, a porta do compartimento se escancara com um tranco, e o homem e a mulher se põem de pé. O varredor recua um passo, para a segurança das sombras.

Jovens e louros soldados cercam o casal. Seus uniformes negros brilham com botões dourados, e cada paletó ostenta os talhos de suas-ticas vermelhas. O varredor sabe que esta não é a guarnição habitual da estação e se alarma quando as mãos enluvadas cortam o compartimento para pegar as passagens do homem.

Os soldadinhos abrem caminho para o avanço de um oficial condecorado. O oficial se inclina para perto, dirigindo-se ao casal. Ele entrega um documento e uma caneta-tinteiro, e exige a assinatura do homem; o oficial quer que ele lhe entregue algo. Baixando os olhos, o viajante balança a cabeça. Em contrapartida, oferece seu precioso envelope, as mãos tremendo ao apresentá-lo ao oficial.

O oficial ergue o envelope contra a luz da cabine, e então o rasga e inspeciona a carta no interior. Ele a enfia de volta no envelope e o devolve ao homem. O oficial e seus soldados dão meia-volta e se retiram, fechando rispidamente a porta da cabine atrás de si.

O apito do trem ressoa novamente, e o casal retorna a seus assentos. Um sorriso cauteloso se forma no canto da boca do homem, mas o varredor vira o rosto em desespero. Ele já vira os jovens soldados em ação. Sabe que quando o trem deixar a estação, o último vagão permanecerá.